

**ENTREVISTA**

**Lena Vania Ribeiro Pinheiro**

**Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.**

**CNPq/IBICT-UFRJ/Escola de Comunicação.**

**e-mail: lenavan@omega.Incc.br**

Hagar Espanha Gomes é bibliotecária, com mestrado em ciência da informação e livre-docência em bibliografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Quase toda sua vida profissional aconteceu no Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD) onde trabalhou no Serviço de Bibliografia — que reproduzia repertórios bibliográficos brasileiros na área científica — e no Serviço de Informações Técnico-Científicas, tanto na Seção de Pesquisas Bibliográficas e Traduções como na Seção de Assistência Técnica, que abrigava o Curso de Especialização em Pesquisas Bibliográficas. Depois de concluir este curso, passou a dar aulas como assistente da professora Celia Ribeiro Zaher, na disciplina de bibliografia.

Participou da criação do Curso de Biblioteconomia da UFF onde lecionou bibliografia, indexação e seleção de material bibliográfico e, já no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi coordenador do Curso de Mestrado em Ciência da Informação.

Sua área de interesse, desde sua passagem pelo IBICT, passa a ser teoria da classificação e, mais recentemente, teoria da terminologia. Embora aparentemente distantes, na verdade, ambas as áreas lidam com conceitos e relações. Nessa direção, tem orientado pesquisas e dissertações no mestrado em ciência da informação.

Atualmente, procura difundir a teoria geral da terminologia, a teoria do conceito de Dahlberg, e a teoria da classificação facetada, como áreas básicas para o desenvolvimento de tesouros, e desenvolve estudos de modelagem conceitual de hipertextos de autoria a partir daquelas teorias.

A professora Hagar era diretora da Comissão Editorial da Ciência da Informação e presidente em exercício do IBBD quando do lançamento da revista. Muito mais do que circunstâncias institucionais, esses cargos refletem sua forte presença na vanguarda da ciência da informação no Brasil, campo do conhecimento que ela desbravou juntamente com outras pioneiras.

A inquietude e vigor intelectuais de Hagar Espanha Gomes, vívidos hoje, são uma decorrência natural — como o rio corre para o mar — de uma cultura humanista em seu pleno significado.

**Lena Vania** — Publicar uma revista de natureza científica, 25 anos atrás (1972), era uma aventura editorial. Como e de quem partiu a idéia da revista *Ciência da Informação*?

**Hagar Espanha Gomes** — A idéia estava no ar: o Instituto estava em um momento de efervescência: de um lado, havia o mestrado e, de outro, os primeiros projetos de pesquisa na área. Este ambiente, no entanto, tinha uma fonte de energia, e essa fonte era Célia Ribeiro Zaher, então presidente do IBBD. Célia sempre foi muito intuitiva; percebia longe as novidades que realmente iam causar impacto. Ela sempre viajou muito e, nas visitas que fazia às instituições de documentação, ficava a par do desenvolvimento na área e procurava introduzir aqueles que julgava mais relevantes. Isso era muito estimulante. Além de modificar nossa rotina de trabalho obrigava-nos a estudar. Mais importante do que isto, Célia introduziu no país — sem exagero — a questão da pesquisa na documentação. É verdade que a mola propulsora foi a introdução do computador na área, e os primeiros projetos eram mais de desenvolvimento de atividades do que realmente de pesquisa. Mas isso não lhe tira o mérito. Pelo contrário, tivemos de começar do início: não havia um modelo, nem tradição na área, nem pesquisadores para nos introduzir nesse mister. Mas, com o apoio do CNPq, concedendo bolsas de pesquisa

tivemos o impulso que faltava para as melhorias pretendidas. E não foi fácil. Havia, internamente, um grupo que não acreditava nas modificações que Célia foi introduzindo nas bibliografias brasileiras como o KWIC e o KWOC. Se estas técnicas não eram as melhores para um índice, elas deram a base para outros melhoramentos. Foram sobretudo, uma oportunidade de introduzir novas tecnologias no trabalho. O mestrado serviu para trazer pesquisadores que puderam ajudar os profissionais da casa. Célia introduziu, ainda, um outro valor, que contribuiu para o nascimento da revista: a importância para a publicação de trabalhos, como um elemento de desenvolvimento de carreira.

**Lena Vania** — Então, de certa forma, a institucionalização de um mestrado em ciência da informação, dois anos antes, em 1970, contribuiu para o surgimento da revista?

**Hagar Espanha Gomes** — O mestrado foi decisivo. O contato com pesquisadores estrangeiros, tanto da Inglaterra como dos Estados Unidos, trouxe a possibilidade de formação da equipe, de um direcionamento dos estudos, até então feitos de forma um tanto aleatória. A única revista existente até então era restrita a profissionais de biblioteconomia e documentação — a profissão tinha sido regulamentada em 1962, e o espírito corporativo era muito forte. Mas o Instituto sempre estimulou a participação de bacharéis de outras áreas em suas atividades e cursos. Precisávamos de um canal para atrair todo este pessoal.

**Lena Vania** — O momento do aparecimento da revista é caracterizado por equívocos terminológicos entre ciência da informação e informática, mas a revista foi corretamente intitulada *Ciência da Informação*. Quais os fundamentos para esta decisão?

**Hagar Espanha Gomes** — O nome em voga era realmente informática, mas significava simplesmente o emprego do computador. As questões da informação não eram tratadas. O Instituto chegou a organizar um seminário de informática, onde se apresentaram as experiências com o uso do computador nas atividades documentárias. Em minha opinião, o emprego do computador não era suficiente. Havia muitos estudos que poderiam ser feitos e que não implicavam, necessariamente, o emprego de computadores. Certa vez, levantei essa questão e Célia concordou. Não sei se isso foi bom. Com o tempo, verificou-se um distanciamento das questões que envolviam o computador. Paradoxalmente, esse afastamento se deu com os homens da informática que invadiram o CNPq e o IBBD, na virada para o IBICT. Para eles, o computador prescindia do pessoal da informação, que ficou totalmente alijado. Se tivéssemos mantido o nome informática, talvez pudéssemos contar com o apoio daqueles invasores — ou, então, seríamos definitivamente afastados, quem sabe?

**Lena Vania** — A *Ciência da Informação*, desde o seu primeiro fascículo, já contava com uma comissão editorial, da qual você era diretora e Gilda Braga, Laura Maia de Figueiredo e Maria Beatriz Pontes de Carvalho participavam como membros. Já se estudava o processo de avaliação (*referee*), no âmbito da comunicação científica, na *Ciência da Informação*?

**Hagar Espanha Gomes** — A comissão editorial foi criada por imitação com outros modelos. Sabíamos que precisávamos fazer seleção e que uma comissão editorial seria um meio formal para tratar disso. Não tínhamos idéia do papel do *referee* como um filtro de qualidade na ciência. Como afirmei anteriormente, não tínhamos tradição de pesquisa, não tínhamos modelos a seguir. Apenas, agíamos como nos parecia melhor. De fato, a disciplina comunicação científica foi introduzida muito tempo depois, e, graças a ela, fomos tomando consciência de certas ações e, principalmente, tivemos contato com a sociologia da ciência, que trata de questões muito importantes para o profissional que trabalha com informação científica. Com aquela disciplina aprendemos muito. Mas, então, não tínhamos mais a ver com a revista, cuja editoria fica em Brasília.

**Lena Vania** — O primeiro fascículo da revista traz um artigo de sua autoria e de Célia Zaher sobre ciência da informação, no qual são enfatizadas a interdisciplinaridade e a autonomia disciplinar da nova área, questões ainda presentes nas discussões atuais. Qual a sua visão, hoje, da ciência da informação?

**Hagar Espanha Gomes** — Essa pergunta é muito difícil de responder. Há muito tempo deixei de me preocupar com o que seja ciência da informação. Estou mais preocupada em saber o que ela não é. Penso que, deste modo, meu campo de visão fica mais amplo e fico mais aberta para certas questões. De fato, meu interesse sempre foi muito restrito à teoria da classificação. Se verificarmos as definições de ciência da informação, de

Georgia Institute of Technology (visão americana), e de Informática do Viniti (visão russa), elas são muito semelhantes, ambas consideram, explicitamente, que as questões semânticas não estão contempladas. De fato, a ênfase sempre ficou no tratamento automático dos textos, nas questões quantitativas. Se examinarmos *Journal of American Society of Information Science (JASIS)*, podemos confirmar isto. Já a seção do *Referatyn Zhurnal* do Viniti, dedicado à mesma área, inclui, apesar da definição da área, contribuições relativas à teoria da classificação, às linguagens documentárias, etc., nem sempre associadas ao emprego de computadores. Parece, no entanto, que na raiz dos estudos classificados como ciência da informação e divulgados naqueles periódicos de resumos, está a questão da documentação, do tratamento, da representação de textos. Creio que nesse aspecto, as coisas não mudaram muito. A preocupação com as novas tecnologias para o tratamento, disponibilização, acesso e distribuição constituem um grande campo de estudos, facilmente identificados como pertencentes à ciência da informação, porque essas questões lidam com o mesmo objeto que lhe deu origem: o texto, a informação de natureza semântica. E eu também não mudei de interesse, porque acredito que a Teoria da Classificação — com sua base na lógica —, com a contribuição da doutora Dahlberg para a Teoria do Conceito e suas implicações no desenvolvimento de instrumentos de mapeamento, de indexação e de busca constituem um corpo teórico da maior relevância para o desenvolvimento de serviços de informação, para elaboração de hipertextos de autoria, para os sistemas especialistas e mesmo para a inteligência artificial. Afinal, na base destes produtos estão a lógica e o conceito. Não afirmo que tais produtos pertençam à ciência da informação, mas, sim, que existe um corpo teórico que está mais próximo desta área do que qualquer outra, principalmente se aceitarmos a proposta de Shera de que a ciência da informação seja uma biblioteconomia uma oitava acima. Em minha opinião, a documentação — como Otlet a concebeu — estaria na raiz da ciência da informação, e os problemas relacionados com os documentos ainda persistem, ou seja, organização para acesso ao conteúdo e acesso físico. As ditas tecnologias da Informação se enquadram em uma ou noutra questão, produzindo, por vezes, novas questões variantes e possibilidades impensadas. Qualquer abordagem destas questões — técnicas, sociais, políticas etc. — pode ser considerada, a meu ver, como do âmbito da ciência da informação.

**Lena Vania** — Dos primeiros periódicos científicos, *Journal des Sçavans* e *Philosophical Transactions*, de 1665, até hoje, muitos foram os avanços tecnológicos e o periódico continua sendo o canal formal, por excelência, da comunidade científica. Por quê?

**Hagar Espanha Gomes** — Há vários fatores, creio. A periodicidade regular é fundamental. A dinâmica da ciência exige um canal passível de responder a essa dinâmica. O sistema de assinaturas é outro fator relevante a assinatura possibilita uma distribuição dirigida; o assinante pode ficar passivamente aguardando a chegada de suas revistas preferidas. O modelo de comunicação é outro fator de sucesso da revista científica. Esta permite que cada pequeno avanço que mereça registro possa ser imediatamente comunicado, assegurando a visibilidade de seus autores. A literatura sobre o assunto possui excelentes ensaios sobre essa questão.

**Lena Vania** — A história dos periódicos científicos é marcada pela descontinuidade, suspensão da edição pela conhecida síndrome dos três fascículos. Como explica a manutenção da revista por 25 anos, publicada ininterruptamente?

**Hagar Espanha Gomes** — A revista tem por trás uma instituição especializada, voltada, em grande parte, para as mesmas questões da revista. Mas um olhar crítico vai mostrar que o panorama não é muito bom: a revista após todo esse tempo, só recentemente passou a ser quadrimestral. O que significa isso? Comunidade pequena? Ou pouco produtiva? Depois de 25 anos e de tantos cursos de pós-graduação... Veja que existem poucas revistas na área, e todas são semestrais (quase todas irregulares), portanto, também ali seus editores não conseguem volume maior de trabalhos. Alguma coisa está errada... O que fazem todos os mestres e uns poucos doutores por esse país afora? Praticamente não existem autores fora da atividade acadêmica. Será que nada de interessante acontece fora da atividade acadêmica? Ou aqueles que estão na labuta se sentem diminuídos, por não conseguirem produzir um discurso tão elaborado e, por vezes, inatingível para os que estão fora do Olimpo? As revistas ditas científicas, para manter interesse, precisam ser publicadas com intervalos menores.

**Lena Vania** — Da revista *Ciência da Informação*, estão disponíveis, via Internet, os seus dois últimos fascículos e, brevemente, o índice completo. Com as redes de comunicação, o periódico sobreviverá na sua forma original impressa? E o que muda na relação autor/editor/usuário?

**Hagar Espanha Gomes**— Parece que estamos falando aqui do periódico científico. Há certos aspectos a apreciar: em primeiro lugar, há os valores que independem da tecnologia, dentre eles, o sistema de controle social: talvez mude a forma de comunicação entre o editor e os *referees*, mas, certamente, estes continuarão a existir, pois são o filtro de qualidade. O periódico científico eletrônico desempenha os mesmos papéis do periódico científico impresso, mas ganha em velocidade de comunicação — este aspecto é muito importante para o pesquisador e para o desenvolvimento da pesquisa. Este é um dos fatores que podem levar ao desaparecimento da forma impressa, além do fato de o público-alvo ser sofisticado, ou seja, em sua quase totalidade ele tem acesso à Internet. Há os aspectos econômicos relacionados à disponibilização na rede e às medidas para limitar o acesso aos assinantes. No entanto, o comércio de xerox vai continuar.

**Lena Vania** — Até que ponto as redes de comunicação, com as listas de discussão e o correio eletrônico estão influenciando ou modificando os padrões de comunicação na ciência e tecnologia?

**Hagar Espanha Gomes**— As listas de discussão são uma novidade. Nós, no Terceiro Mundo, é que não estamos acostumados à discussão. Creio que elas têm uma vantagem sobre os meios anteriores de comunicação: os encontros e a correspondência. O roubo de idéias vai ser mais difícil, porque, ao jogar uma contribuição na lista, a autoria está amplamente assegurada. Com o correio eletrônico, também fica difícil roubo, se houver, sempre, o cuidado de assegurar que uma informação, um dado, ou outra contribuição seja comunicada a mais de uma pessoa - declaradamente ou não, como propicia o correio eletrônico. Este meio de comunicação é muito melhor que o tradicional correio, por causa da facilidade de remessa das comunicações também porque é mais cômodo escrever de maneira mais informal. Por outro lado, também é mais interessante a sua leitura. O estilo informal parece estabelecer um vínculo mais afetivo: parece que somos mais íntimos, mais amigos...

**Lena Vania** — Os editores científicos estão preparados para os novos tempos das redes de comunicação?

**Hagar Espanha Gomes** — Por enquanto, parece que a novidade está apenas na tecnologia. E esta, cada vez mais acessível, mais fácil, mais amigável, não será difícil de ser incorporada. O que vai mudar, com certeza, é o perfil da equipe. Os profissionais da editoração deverão ter o domínio de muitas técnicas: de editoração, de marcação de textos etc. Mas acredito, também, que os editores não vão se contentar com a disponibilização de textos para leitura linear. Acredito que alguma tecnologia de hipertexto será utilizada, pois ela propicia múltipla abordagem a um texto, de modo rápido. Ou seja, a leitura pode se tornar mais interessante, a consulta ao texto mais objetiva etc.